Ano XXV — Lisboa, Dezembro de 1969 — N.º 296

SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com "o Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino F. Macedo

Director-Adjunto
Joel Ribeiro

Redactor
Mariano Garcia

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telefs.: Redacção 63 66 07 — Administração 63 88 49 • Comp. e imp.: Livraria Cruz — Braga

ÁRVORES E HOMENS

Pelo REV. EDUARDO MOREIRA

Nas suas bodas de prata, venho saudar o «Sempre Pronto» e os seus homens, todos os erectos, vigilantes e expeditos mantenedores do simpático órgãos escoteiro. Quero nesta saudação englobar todos os seus cooperadores e leitores; e vou até mais longe em pensamento, felicitando o movimento juvenil português que tem tido ao seu serviço, durante um quarto de século, esta intrépida e bem-disposta gazeta.

Oxalá a vejamos encetar alegre e resolutamente um outro período igual, em jeitos de conquista das bodas-de-ouro, como novos argonautas na conquista do «velo de ouro».

É meu intento aproveitar o ensejo para convosco conversar um pouco, à sombra alegórica da «Árvore do Natal», trazendo à baila uma das promessas solenes de cada membro desta «Ordem-grémio-família» que é o escotismo: o amor da Natureza.

Amar a Natureza é amar a obra de Deus e amar Deus na sua obra. O escoteiro ama as árvores — se é escoteiro de verdade. As árvores devem contar com o respeito e o cuidado de que carecem; aliás elas recompensam generosamente, por leis naturais de fácil aprendizado, os cuidados recebidos.

Quem poderá imaginar um Portugal sem árvores? As árvores que deram sombra aos Viriatos e aos Sertórios, com seus guerreiros, defensores do solo natal de uns e do refúgio hospitaleiro de outros; que deram aos humildes cabaneiros descidos das fragas as primeiras noções de arquitectura, e hoje nos dão tanto de si ao morrerem: desde as tábuas do berço e do féretro, das folhas que dão saúde e dos frutos que nutrem com doçura, até ao papel dos nossos jornais e livros.

O Poeta de «Os Simples», ao evocar o transporte do carvalho morto, exclama: «Que feliz cadáver, que até cheira bem!»

A lembrança dessa morte põe-nos diante dos olhos a excelsa e inesquecível artista Palmira Bastos em «As árvores morrem de pé». A memória espevitada por essa evocação de beleza trágica junta-lhe um livro encantador, de Tude Martins de Sousa, há mais de quarenta anos lido: «A Árvore».

Para os homens da minha idade, se sabem viver, o presente está sempre preso ao passado, ambos se entrelaçando num permanente rejuvenescimento. É assim que a homenagem agora prestada ao Dr. Augusto de Castro, cujo talento multifário e cuja fibra rija ninguém contestará, me trouxe à lembrança uma árvore que, numa para mim sempre saudosa aldeia do concelho de Águeda, é voz do povo ter o então estudante universitário em Coimbra, o costume de trepar para estudar. Com que respeito, ou carinho, o povo às vezes lembra os seus homens de escol! Às vezes...

Não esquecem os alcobacenses o vulto ímpar, perdurando na obra enorme («enorme» digo-o conscientemente), de Joaquim Vieira Natividade, cujo primeiro ano da morte trouxe à memória do vulgo, por vezes emperrada. Não só a subericultura, que tanto lhe deve, como

Continua na pág. 6

Fundo de Auxílio Escotista

A Chefia Geral acaba de divulgar a criação do Fundo de Auxílio Escotista, que tem em vista «obter meios financeiros para proporcionar a resolução de casos de solidariedade e entreajuda».

Com esta iniciativa, pretende-se, afinal «seguirmos as ideias do Secretariado Mundial e da 22.ª Conferência Mundial do Escotismo, ao organizar o Fundo Universal Escoteiro».

Parece-nos que a ideia deverá ser acarinhada por todos os escoteiros e antigos escoteiros, merecendo da parte dos chefes especial interesse pela sua divulgação junto dos rapazes, já que «nas questões de formação de jovens o que interessa mais é a criação da mentalidade predisposta a prestar auxílio», porque «interessa mais isso do que o montante do auxílio, embora este seja um aspecto que tem interesse».

A Fraternal prometeu já dedicar a este assunto a sua atenção, reservando a um estudo atento a sua forma de participação.

Esperemos que a iniciativa da Chefia Geral seja perfeitamente compreendida, principalmente pelos grupos de escoteiros, para que não se confunda com uma tácita autorização à vergonhosa pedincha a que alguns por vezes se entregam.

É próprio dos grandes espíritos dizer muito em poucas palavras; pelo contrário, os néscios têm o dom de falar muito sem dizer nada.

RICHARDSON

O ANIVERSÁRIO DE «SEMPRE PRONTO»

ALMOÇO DE CONFRATERNIZAÇÃO

Conforme já noticiámos no último número, realiza-se no dia 11 DE JANEIRO DE 1970 — domingo — no Restaurante da Feira das Indústrias, na Junqueira, um almoço de confraternização entre todos os Amigos deste jornal.

As inscrições, ao preço de Esc. — 100$00 por pessoa, podem ser feitas, até o dia 8 de Janeiro p. f., na Redacção ou nos locais habituais.



por MENDES MARQUES

ROVER-MOOTS MUNDIAIS

O segundo **Rover-Moot** Mundial teve lugar em Ingaro, próximo de Estocolmo, na Suécia, durante os meses de Julho e Agosto de 1935. O carimbo usado para comemorar este evento era formado por um simples círculo contendo a legenda STOCKHOLM 1 * ROVER MOOT * com a data de 30.7.35 ao centro.

Foi no castelo de Monzie, em Crieff (Perthshire) na Escócia, que, de 15 a 29 de Julho de 1939, se realizou o 3.º **Rover Moot.** Este campo não proporcionou qualquer carimbo especial, mas deu-nos um sobrescrito que foi utilizado no **Moot** com a marca postal de Crieff, Perthshire. Enquanto durou o Campo, o Posto de Correio Móvel esteve sempre em funcionamento, mas são raríssimos os exemplares desse período. Por ocasião deste **Rover-Moot,** foi emitida uma atractiva vinheta, cujo motivo era um Caminheiro **(Rover)** empunhando uma bandeira.

AGRUPAMENTO TEMÁTICO ESCOTISTA

Conforme notícia inserta no último número, a Federação Portuguesa de Filatelia decidiu fomentar a filatelia temática através da criação de Agrupamentos Temáticos, sistema muito utilizado no estrangeiro.

As suas vantagens são absolutamente válidas para um coleccionamento mais rendoso e mais agradável, possibilitando uma aceleração ou enriquecimento para o desenvolvimento das colecções.

A pedido daquela Federação, compete-me a mim a orientação do Agrupamento «Escotismo». Ora, para que a acção a desenvolver proporcione resultados significativos, importa que todos os temáticos escotistas estejam prontos a ajudar a alcançar os fins do Agrupamento que, a curto ou a longo prazo, se consubstanciam nos seguintes pontos:

— Aglutinar os coleccionadores portugueses do tema;
— Encorajar o coleccionamento desse tema por meio duma publicidade adequada junto de novos praticantes temáticos bem dotados;
— Pesquisar — com o auxílio de todos os seus membros — e divulgar informações concernentes ao tema, para sua valorização técnica;
— Promover a exibição destas colecções, quando válidas, sempre que haja ensejo de o fazer;
— Intensificar a troca de conhecimentos — e até de material — entre os membros.

Para que se possa iniciar o trabalho de organização, interessa que todos os coleccionadores do tema, principiantes, médios ou avançados, entrem em contacto comigo, bastando, para já, o seu nome e endereço.

Correspondência para:

José Manuel Mendes Marques

SEIA

NOTÍCIAS DIVERSAS

O nosso estimado assinante Sr. Fernando Gomes Carrão, que tem concorrido a diversas exposições filatélicas com a sua colecção de temática «Escotismo», acaba de obter uma medalha de bronze na Exposição Internacional de Sófia — 1969, e uma medalha de prata na recente Exposição Nacional, em Coimbra.

O Sr. Gomes Carrão foi colaborador filatélico de «Sempre Pronto» durante os primeiros anos de publicação, tendo desde essa data tomado interesse por esta temática, embora nunca tenha pertencido ao Movimento Escoteiro.

XXI Poemeto filatélico

Diante do selo comemorativo da Organização Internacional do Trabalho.

Trabalho é ordem de Deus,
Que o povo ouviu por seus guias,
Na Lei que regula a Vida:
«Trabalharás em seis dias!»
Só depois Ele convida
Ou nos manda descansar
(Sueto justificado).
Eleva a Nação e o Lar
Onde não há escravidão
O trabalho organizado
Por quem sabe organizar,
Seja branca ou preta a mão
Que utiliza a ferramenta:
Ao Lar assegura o pão
E torna a Nação isenta
De ociosa multidão.

Eduardo Moreira

É FILATELISTA?

Dedica-se, ou deseja dedicar-se, ao Agrupamento Temático «Escotismo», oficialmente reconhecido pela Federação Portuguesa de Filatelia?

Se está nestas condições, dirija-se ao nosso colaborador e orientador nacional deste tema:

— Sr. José Manuel Mendes Marques — Seia (Portugal).

Ferroadas... no Ano Escoteiro

Com o Dezembro a findar
E tendo Janeiro à vista
Cabe agora analisar,
Num rapidíssimo olhor,
O nosso ano escotista.

No ano que decorreu,
Afirmo com emoção,
Uma coisa aconteceu:
Foi ano de reunião!

Houve reuniões em barda,
Uma coisa de tarar,
Questionários, papelada,
E colóquios a fartar.

Quesitos dos mais estranhos,
Com perguntas e propostas
Sobre temas rotineiros,
Papéis de muitos tamanhos,
Pròs chefes darem respostas
A um «grupo de caminheiros»!

Houve reuniões p'ra pensar
Como se vai trabalhar.
Reuniões para aprender
Coisas que são p'ra esquecer.
Reuniões p'ra ensinar
Um mau chefe a chefiar,
E outras p'ra colocar
os «meninos» a falar.
Reuniões para saber
O que não se vai dizer.
Reuniões para ouvir
Assuntos que fazem rir,
E, até, p'ra comentar
Coisas que são de pasmar.
Até numa actividade
(A única, na verdade)
Houve acesa discussão
Que ameaçou não ter fim,
P'ra culpar o malandrim
Que... surripiou o pão!!!

Estas coisas e outras tais
Foi a grande actividade
Que surgiu em velocidade
Lá dos Serviços Centrais.

Pergunto: E o «Zé» escoteiro,
Esse rapaz prazenteiro
Que sobe a montes e vales,
Que assobia aos passarinhos,
Que corre pelos caminhos,
Que gosta de rir, folgar,
De jogos e d'acampar,
De cantar lindas canções,
Não andará enjoado,
Tristonho e agoniado,
Por ser posto, assim, de lado
Por causa das reuniões?

ABELHUDO

O Aniversário de «Sempre Pronto»

EXPOSIÇÃO DE IMPRENSA ESCOTISTA

O Grupo n.º 23, de Queluz, uma das mais jovens mas também das mais activas unidades escotistas, honra este jornal, promovendo, por ocasião do 25.º aniversário de «Sempre Pronto», uma Exposição de Imprensa Escotista.

Contamos muito pròximamente anunciar a data e o local onde se realizará este certame.

O PARQUE DE CAMPISMO DA CAPARICA E A SUA UTILIZAÇÃO

A propósito de uma local publicada em Agosto passado na coluna «Posto de Observação» e sob a rubrica «Assim não vale!», escreve-nos o digno Chefe do Grupo n.º 8 uma carta, que a seguir transcrevemos:

Lisboa, 17 de Novembro de 1969

... Senhor Director:

No n.º 292 do mensário «Sempre Pronto» (Agosto de 1969), fez-se referência ao «trabalho» efectuado por um caminheiro de um Grupo de Lisboa — serrar uma tábua de um dos bancos existentes nos balneários!!!!

Para esclarecimento do assunto solicito de V. se digne tornar público que o referido caminheiro, que pertencia ao Grupo n.º 8, estava suspenso preventivamente *desde princípios de Maio (Ordem de Serviço n.º 2/69, de 10/5/69) por irregularidades praticadas anteriormente, sendo mais tarde demitido por acumulação de infracções. (Ordem de Serviço n.º 4/69).*

Esse caminheiro introduziu-se no Parque de Escotismo sem estar munido, como é óbvio, de autorização ou credencial que o abonasse.

Pergunta-se: cumpriram-se as disposições das alíneas e) e f) *das «Normas de utilização do Parque» e os n.ºs 1 e 6 das «Atribuições do Chefe de Serviço»?... Parece que não.*

Quanto ao resto, também se pergunta: porque não se proíbe, pura e simplesmente, a entrada de «vândalos» no Parque?

O Escotismo é um passeio de meninos com o Professor... ou é Escotismo?!!!

A exportação *está superiormente autorizada nas «Normas de utilização do Parque», pelo que se depreende da leitura da alínea* f). *O que é preciso é evitar o «contrabando».*

Sem outro assunto, apresento cordiais saudações escotistas,

SEMPRE PRONTO A SERVIR

João Constantino

ADMINISTRAÇÃO

Pagamento de Assinaturas

Tiveram a gentileza de enviar a importância de suas assinaturas os seguintes patrocinadores, senhores: José Ferreira da Silva (dois anos), Armando Champlon, Albano da Silva (dois anos), Justino Estêvão da Silva, Eng.º J. M. Nobre Santos e António da Encarnação Amêndoa, a quem apresentamos agradecimentos por tão útil serviço.

NOVOS ASSINANTES

Temos o prazer de registar mais três assinaturas. O Escoteiro-Chefe Manuel António Infante Ganhão, de Lourenço Marques, que nos enviou a importância de sua assinatura, os Escoteiros Alberto Fernandes Loureiro Pereira, do Grupo 44, de Vila Nova de Gaia, e Fernando Henrique Cosme, do Grupo 93, de Sintra.

Do Entroncamento

GRUPO N.º 84

Inauguração do Viaduto da Vila

Em 12 de Outubro passado, foi inaugurado um viaduto sobre o caminho de ferro, acto que teve a presença dos Ministros das Comunicações e das Obras Públicas. O Grupo de Escoteiros esteve presente nos diversos actos, tendo prestado guarda-de-honra às entidades oficiais e desfilado depois, através das ruas da vila.

Uma sessão de cinema dedicada aos Lobitos e Avezinhas

A empresa do cinema local, teve a gentileza, em 19 de Novembro passado, de oferecer uma sessão de cinema aos lobitos e avezinhas do nosso Grupo. O programa constou de um filme de desenhos animados, que muito divertiu a pequenada.

Exploração de uma mina

Os caminheiros da Equipa Vasco da Gama, Orlando Jacques Braga, Manuel A. Loureiro de Sousa, Isidoro da Costa Morgado e Joaquim Nazaré Damas de Carvalho tomaram parte numa actividade de exploração que se realizou em 15 de Novembro passado. Foi ainda convidado para esta actividade o Guia da Patrulha Águia, Vítor João Amaral Vergamota.

Os caminheiros, munidos de espias e outro material, desceram a uma mina existente perto da localidade de Atalaia, que exploraram, tendo para isso de andar muitas vezes com lama até ao joelho. Embora não tendo encontrado nada de especial, a actividade despertou grande interesse. — *Correspondente Vítor.*

Os novos elementos do Corpo Nacional de Escutas passam a ter de possuir um seguro de acidentes pessoais

O Corpo Nacional de Escutas fez publicar uma circular em que comunica que, de futuro, os elementos que entrarem para aquela associação serão obrigados a fazer um seguro de acidentes pessoais no valor de 100 contos para invalidez e 10 contos para despesas médicas e ainda uma responsabilidade civil de 1 000 contos por sinistro e 100 contos por sinistrado.

Os actuais elementos também serão obrigados a um seguro que poderá, em casos excepcionais, ser substituído por uma declaração do pai ou encarregado da educação, responsabilizando-se por qualquer acidente ou prejuízo que o menor venha a praticar.

O preço deste seguro é de Esc. 45$00 por ano.

DE SINTRA

GRUPO N.º 93

Comemorações do Natal

Mais uma vez os Escoteiros de Sintra aproveitam a quadra do Natal para realizarem a sua Boa Acção tornada possível pela generosidade do Presidente da Direcção do Grupo, Sr. Manoel de Mattos. Este ano, os escoteiros distribuirão géneros alimentícios por 26 pobres do seu concelho.

No dia 28 de Dezembro, domingo, efectuar-se-á na sede uma festa de convívio entre escoteiros, suas famílias, antigos escoteiros e dirigentes, na qual será investido no cargo de Chefe de Tribo o caminheiro João Pedro Mendes da Ponte, colaborador de «Sempre Pronto». — *C.*

ESCOTEIROS
DE
PORTUGAL

O GRUPO N.º 93
SINTRA

Deseja a todos os Escoteiros, Chefes e demais elementos do MOVIMENTO
FESTAS FELIZES



PÁGINA DO ESCOTEIRO

PARA TI, IRMÃO-ESCOTEIRO

A Boa Acção



Que é a Boa Acção?

Esta é uma pergunta que muitas pessoas alheias ao Escotismo fazem aos escoteiros.

É, no entanto, lamentável encontrarmos escoteiros que não saibam responder a pergunta tão simples.

Simples! E digo simples, porque simples é tudo o que o escotismo ensina.

Ora bem, vamos lá revelar o que entendemos por Boa Acção, para que possas dar uma explicação clara a quem te falar no assunto.

A Boa Acção é todo o serviço prestado espontâneamente, a quem quer que seja, com a maior boa vontade e com o melhor prazer e sem a mira de qualquer recompensa.

Se formos recompensados por qualquer serviço prestado ao próximo, apenas estamos a ser empregados dele.

Ouves os antigos dizerem que um escoteiro deve praticar uma Boa Acção diàriamente.

Pela minha parte, digo-te que deves praticar aquelas que se te deparem.

Penso que serviços desta natureza nos ajudam a formar o carácter e a modelar uma alma nobre e corajosa e sempre pronta a praticar o Bem em benefício do próximo.

Há poucos dias, um jovem escoteiro da nossa associação entregou ao seu dono uma carteira que achara e que continha alguns milhares de escudos. Fê-lo com alegria e com o desejo de ver feliz a pessoa que perdera tal quantia.

Este escoteiro, praticando tão linda Boa Acção, foi digno do uniforme que usamos. Queres tu, também, ser digno no mesmo uniforme, praticando a Boa Acção de coração alegre?

Teu amigo

GAMO LIGEIRO

QUALIDADES FÍSICAS



Do ponto de vista desportivo, quando se fala das qualidades físicas de um escoteiro, pensa-se em cinco pontos fundamentais muito importantes: rapidez, calma, força, destreza e resistência.

Todos os desportos necessitam obrigatòriamente de uma ou mais destas qualidades e, muitas vezes, são elas que determinam a escolha e a prática de um desporto.

Estas qualidades são inatas e são também distribuídas ao homem em graus diversos pela natureza e hereditariedade.

Diferenciam-se, todavia, de modo considerável, se forem melhoradas com treinos adequados a cada uma, como acontece no Escotismo.

No que diz respeito às qualidades de rapidez e calma, são pràticamente nulas as possibilidades de treino, por serem qualidades estritamente naturais e os exercícios adequados para as incentivar dão um ganho mínimo à custa de um grande trabalho.

Pelo contrário, um treino adequado e racional pode aumentar de modo sensível a força, a destreza e a resistência.

GAMO LIGEIRO

FERNANDO BAHIA DOS SANTOS

Por motivo da transcrição na rubrica «Há 20 anos **Sempre Pronto** publicava» de um extracto de um trabalho do nosso saudoso colaborador Sr. Fernando Bahia dos Santos, tão prematuramente desaparecido num acidente em Africa, dirige-se-nos o nosso estimado colaborador Sr. Ernesto Clímaco do Nascimento, que chama a nossa atenção para o seguinte:

Fernando Bahia dos Santos, falecido no Ultramar aquando de uma visita do Chefe do Estado, conseguiu ver realizado um sonho seu: ser operador cinematográfico. A propósito deste facto, afirmou numa reunião da Região Centro, há também 20 anos aproximadamente:

— Agora que consegui o lugar que desejava, temos que filmar a rapaziada nos diferentes exercícios, porque eles gostam disto. Aproveitaremos no conjunto para fazer um filme que facilite a aprendizagem das provas de classe das diferentes divisões.

Esta ideia não foi esquecida e, embora já não contemos com Fernando Bahia dos Santos e se tenham passado já 20 anos, está ainda em plena actualidade, pois temos não só cineastas amadores como também profissionais da cinematografia nacional que bem podem dar concretização à ideia de Bahia dos Santos, a bem da juventude escotista.

Seria uma grande homenagem a Fernando Bahia dos Santos, antigo escoteiro do Grupo 1 e um dos fundadores da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal, e ao mesmo tempo um grande serviço prestado ao Escotismo.»

Concordamos inteiramente com a sugestão do nosso amigo Ernesto Nascimento e fazemos votos de que o seu apelo encontre eco em quem possa levar por diante a realização daquilo que foi um grande sonho do nosso estimado companheiro Fernando Bahia dos Santos, cuja personalidade não podemos recordar sem saudade.

Folhetim de «Sempre Pronto»



Tom, o escoteiro

por MANUEL FERREIRA

Frequentava assìduamente, o rancho do xerife de New-Island, o Sr. Wilson, abastado fazendeiro.

Tom, filho do xerife era o **cow-boy** mais ousado daquelas paragens. Escoteiro entusiasta, havia muito que se dedicara ao Movimento e ninguém como ele seguia uma pista através dos bosques de New-Island.

Aventureiro, campista, sempre desejoso de conhecer novos horizontes e de ver paisagens maravilhosas, Tom regressara, nessa tarde, de uma cavalgada pelas campinas.

Ao entrar no rancho, deparou com o Sr. Wilson que, muito excitado, se dirigiu a ele perguntando:

— Onde está teu pai?

— Saiu há pouco — respondeu o escoteiro. — Mas não se demora...

E inquiriu:

— Mas que sucedeu, Sr. Wilson?

O fazendeiro, a custo, explicou-se:

— Roubaram-me Mary, a minha filha!

— Quem a roubou? — perguntou o rapaz.

— Deviam ter sido peles-vermelhas. Talvez do bando do «Lobo Selvagem»...

— Como sabe isso?

— Sei, porque deixaram cair à minha porta esta faca de mato...

E mostrou ao filho do xerife uma faca envolta numa bainha colorida bizarramente e ornada com penas de calao.

— Não há dúvida. Foram os peles-vermelhas — respondeu Tom. — O caso é grave.

E concluiu:

— Grave e urgente. Mas, como meu pai só volta lá para a noite, não podemos contar com ele. Montemos cada um no seu cavalo e...

— Está dito! — respondeu Wilson.

Assobiou e o cavalo favorito acercou-se.

Tom foi buscar o seu «Lis» e, daí a momentos, partiram os dois **cow-boys** à desfilada.

Chegados a uma clareira, separaram-se. Tom voltou à esquerda, procurando pegadas dos índios, a fim de fazer o seu reconhecimento.

Desde que soubesse o local onde os nómadas acampavam, tinha ganho a partida.

Nisto, olhou para a relva e um lenço despertou-lhe a atenção. Desceu da montada, baixou-se e, vendo-o bem, reconheceu nele o lenço de Mary.

(Continua)

O BOM HUMOR DE BADEN-POWELL



Nem sempre o bom humor de B.-P. se manifesta em casos em que ele é protagonista ou, pelo menos, participante. Outros episódios há em que se aprecia o espírito jovial do Fundador pelo eco que nele teve certo acontecimento ou pela forma como ele «viu» os sucessos de que foi mero espectador.

O evento que hoje oferecemos aos nossos leitores, passado durante a guerra da África do Sul, tem o sabor anedótico que lhe é transmitido pela atitude singular dos seus personagens em situação de certo modo crítica, e pelos seus reflexos numa das suas testemunhas — B.-P. — que, embora em momento particularmente difícil, não perdeu mesmo assim o senso de humor.

Reza assim a descrição de B.-P.:

«Durante a guerra, encontrava-me num dos nossos postos de observação a ver os nossos canhões bombardearem as trincheiras inimigas.

«Às primeiras horas do dia, de um certo reduto, o inimigo tinha atirado bombas de grosso calibre sobre as nossas defesas. Por isso, o nosso comandante resolvera metralhar esse reduto. Foi dada ordem a diversas baterias para dirigirem o fogo sobre aquele local a uma determinada hora e os oficiais observadores avançaram até um pequeno posto sobranceiro às posições inimigas. Daí, podiam ver onde caía cada obus e corrigir pelo telefone qualquer falta de pontaria.

«Eu estava entre eles, olhando com grande interesse a explosão dos nossos obuses logo que eles passavam, assobiando, por cima das nossas cabeças, fazendo um clarão e uma nuvem de fumo preto ou amarelado e chapadas de lama, acompanhados de enorme estrondo. Era um espectáculo fascinante.

«De súbito, o meu olhar foi atraído por um movimento não longe das nossas trincheiras: um certo número dos nossos homens apareceram por detrás de um bosque, correndo em frente.

« —Olá, — disse de mim para mim, — vamos fazer um ataque».

«Mas não. Os homens fizeram meia volta, correram para trás, depois voltaram-se e correram para o lado. Então, maravilhado, vi que eles estavam a jogar futebol!

«Eles sabiam que, debaixo daquele canhoneio, o inimigo não ousaria levantar o nariz acima do parapeito das trinceiras e aproveitaram a ocasião para fazer um pouco de exercício a fim de se aquecerem.

«Não sei quem teve a previdência de levar uma bola para as trincheiras. Julgo que entre eles devia de haver um escoteiro que pôs em prática a divisa «Sempre Pronto» para todas as eventualidades, mesmo para a de jogar futebol durante a estadia nas trincheiras».

DA PONTINHA

Grupo n.º 19

Excursão à Fonte das Avencas — No dia 5 de Outubro último, este grupo realizou uma excursão à Fonte das Avencas, onde os escoteiros construíram diversos trabalhos de pioneirismo e alpinismo.

Os guias deram instruções de nós de 1.ª e de 2.ª classes aos elementos das suas patrulhas.

À noite, na sede, realizou-se o acto de apadrinhamento de uma avezinha pelos escoteiros da patrulha Pica-pau.

Festa da J. O.C. da Pontinha — Os escoteiros deste grupo deram a sua colaboração a uma festa da J. O. C., tendo apresentado os seguintes números: Palhaços, com «Arestas», «Arnaldito» e «Totó», e também uma entrevista com o chefe Pedro Lopes, na qual foi apreciado o desenvolvimento do grupo 19 dentro da Pontinha. Estes números mereceram especial atenção por parte dos 350 espectadores desta festa.

Actividade de Campo — Em 2 de Novembro, realizou-se uma actividade na Pedreira e também na Gruta do Mocho, na qual esteve em actuação com as patrulhas a nova equipa de caminheiros «D. Nuno Álvares Pereira».

Esta actividade foi dividida em várias modalidades, de que destacamos alpinismo, pioneirismo e espeleologia. Na visita à gruta, colheram-se várias amostras de rochas e algumas estalactites e estalagmites.

Nesse mesmo dia, a alcateia esteve em actividade na Quinta das Avencas, onde se realizou uma preparação dos lobitos que vão passar brevemente a escoteiros.

Cerimónia Escotista — No dia 16 de Novembro último, realizou-se na sede do grupo uma cerimónia em que seis lobitos passaram de divisão. Foi também homenageado o escoteiro Norberto Correia, da patrulha Pica-pau, por ter praticado um acto muito honroso.

Nesse mesmo dia, à tarde, durante um serviço religioso na igreja da Pontinha, dez lobitos, seis escoteiros e quatro caminheiros prestaram a sua promessa e compromisso de honra, ingressando, deste modo, no movimento escotista.

Como era dia festivo, esteve patente na sede uma exposição de espeleologia, fotografia e material de campismo.

Dia da Restauração — Os escoteiros deste grupo fizeram a guarda de honra às entidades da Fraternal que homenagearam os Heróis da Restauração.

«Gama Ligeiro»

ESCOTEIROS PISAM O SOLO LUNAR

Éramos seis, todos escoteiros, num pequeno quarto de hotel, em Idaho, a ver, no pequeno écran, a incrível aventura da Apolo XI, quando uma voz clara, vinda de uma distância de 150 000 km, nos trouxe, de repente, uma mensagem inesperada: «**Saudamos os nossos irmãos escoteiros que participam no 7.º Jambori Nacional, em Farragut State Park**». Fomos sùbitamente invadidos por um calor interior, indescritível, que atingiu o seu paroxismo quando o **Eagle scout** Neil Armstrong e o «escoteiro de 1.ª classe» Edwin Aldrin, calcando o solo lunar com os seus pés, abriram para o Homem a era das descobertas, doravante realmente ilimitadas.

Nesse dia, era muito fácil envergar o uniforme escoteiro e sentirmo-nos orgulhosos e solidários de «companheiros» tão prestigiosos. Pelo contrário, é mais difícil reconhecer que, desde 20 de Julho de 1969, as nossas lutas terrestres para a ocupação dalguns quilómetros quadrados, para uma possessão, para um domínio, tornam-se não sòmente anacrónicas, mas também ridículas. Qualquer que seja o futuro tecnológico do mundo, ao abrirem as portas do céu, os nossos dois irmãos escoteiros deram uma nova dimensão ao Homem e uma nova projecção à vida humana.

Os heróis da Apolo XI não são, contudo, super-homens. São camaradas de facto normais que, simplesmente, conjugam uma excelente resistência física, uma muito viva inteligência, uma elevada competência técnica com um sentido do dever e um moral excepcionalmente sãos. Numa palavra, são escoteiros duma qualidade superior. Estamos-lhe reconhecidos por terem demonstrado com clareza o que nós procuramos fazer compreender com os nossos débeis meios de persuasão, ou seja, que não é no passado que residem os verdadeiros benefícios do escotismo, mas nas possibilidades que ele criou para o futuro, nos novos caminhos que ele se prepara para abrir no cumprimento da sua tarefa: ajudar os jovens a tornarem-se o que são, o que eles podem ser, homens sãos, felizes e equilibrados, num mundo em rápida e contínua mutação.

Obrigado Neil, obrigado Edwin, caros irmãos-escoteiros, por terem demonstrado brilhantemente que o escotismo é o melhor investimento possível para o futuro, que o escotismo é um investimento de lealdade, de progresso, de saúde e de felicidade. Podemos, todos nós, estar orgulhosos de fazer parte dele.

LAZLO NAGY
Secretário Geral do Escotismo Mundial

(Do «World Scouting»)

«SEMPRE PRONTO» *deseja a todos os Ex.mos Assinantes, Leitores e Amigos um* NATAL MUITO FELIZ.

ANTIGOS ESCOTEIROS

1910

H.M.

Reflexões

Para que se organizam assembleias de Antigos e qual a sua utilidade?

Eis a interrogação de muitos e especialmente a de um amigo, um pouco antes da última assembleia internacional de Estocolmo. Este não compreendia a sua finalidade e eu expliquei.

É o espírito de amizade e fraternidade que se pretende manter entre os que de há muito passaram pelas fileiras do escotismo.

Reunir amizades não é já uma grande utilidade?

Pois quer dizer que este sentimento é tão corrente no homem como na mulher escoteiros, que se encontram sempre prontos a apertar as mãos... amigàvelmente!

Em todos estes encontros regionais ou mundiais, a benevolência *e a* cordialidade *estão sempre na sua base.*

Todos se comprazem em se reunir, possuídos de um elevado sentimento de puro escotismo, cimentando assim amizades de bons tempos.

Estão certos de que encontram nestas assembleias a cadeia fraternal da sociedade que constituem.

Podemos afirmar que existe nestas assembleias um sopro de fraternidade de tal modo elevada que a inimizade não pode ter lugar ali.

Vejamos quantos membros de raças e línguas diferentes são permeáveis à camaradagem! O clima amigável e alegre de tão diferentes condições sociais ou ideológicas não será maravilhoso? Nada de mais belo do que contribuir para a amizade interminável, aproximando os povos num mesmo ideal!

Se os homens seguissem as máximas escotistas, as guerras não seriam possíveis.

Não tenham dúvidas, estas assembleias, sobretudo os jamboris dos jovens, são marcos do bom entendimento entre as nações. Tais contactos hão-de contribuir muito para uma juventude que não troque o ramo de oliveira por armar-se até os dentes.

A terminar, direi mais: estas assembleias permitem que aprendamos a conhecer os outros.

A época presente é de actividade, conhecendo melhor as coisas e os seus lugares.

Recordemos as palavras de Eva Curie: «O que desejamos é conhecer e compreender os indivíduos e os povos muito diferentes de nós. Temos mesmo muito que aprender sobre os países distantes do nosso e desejamos também que estes países aprendam alguma coisa de nós».

Sim, estas assembleias e encontros são muito necessários! Eles impedem o crescimento da erva no caminho da amizade.

C. S.

(Traduzido do boletim «AGIS» — Scouts et Guides Adultes de Belgique», por Humberto Martins).

NOTICIÁRIO

Comemorações do 1.º de Dezembro

Mais uma vez a Fraternal dos Antigos Escoteiros quis estar presente numa cerimónia a que os escoteiros sempre têm dedicado particular atenção, que é a de honrar os heróis que, na manhã de 1 de Dezembro de 1640, restabeleceram a independência do nosso País.

Assim, no dia 1 do corrente mês, uma deputação de antigos escoteiros depôs na base do monumento dos Restauradores uma palma de flores, cerimónia em que tomou parte também o Grupo n.º 19 dos Escoteiros de Portugal.

Outros grupos de escoteiros depuseram flores no monumento em horas diferentes.

ÁRVORES E HOMENS

Continuação da pág. 1

toda a floresta portuguesa ficaram devendo imenso a este homem.

Nos opúsculos de sua gentil oferta, «Madeira, a Epopeia rural», «A Floresta do Sobro mediterrânea», e «Jornada a um mundo de beleza», fico eu em pasmo ante a estreita aliança do «poeta-em-prosa» com o sábio de severa análise. Desfolho aqui em sua homenagem uma flor de humilde gratidão, irmã daquelas flores campestres que ele tanto amou; e cantou.

E agora fecho a singela e despretensiosa palestra com a sincera e afectuosa homenagem aos magníficos 90 anos, há pouco justamente festejados, do arquitecto Sr. Raul Lino, sábio amante da paisagem portuguesa, que soube semear das porventura últimas vivendas bem nossas. Lembro a citação que me fez, de Martinho Lutero, colhida decerto na língua que ele domina: «os ofícios divinos bem podem ser celebrados à sombra de uma tília». E lembro também o que de si mesmo me escreveu: «Depois de haver sentido durante muito tempo uma especial atracção para os ciprestes, resolvi adoptar esta árvore para meu despretensioso emblema. Fazia-me sempre respeito o porte desta árvore que pelo seu mistério e aparente alheamento parecia apontar o caminho da eternidade».

E o que nos diz da oliveira, em palavras profundamente cristãs?

Bem haja Raul Lino. Bem hajam todos. Louvor ao Criador dos homens e das árvores, nos anos que vamos gratamente registando.

Eduardo Moreira



HÁ 20 ANOS "SEMPRE PRONTO" PUBLICAVA:

Na célebre reunião da Sociedade de Geografia, em que foi criada a Fraternal

(...) A seguir tomou a palavra o antigo dirigente escotista Sr. Dr. Alfredo Tovar de Lemos. Durante alguns momentos os «velhos lobos» que se encontravam reunidos na Sociedade de Geografia ouviram da boca do seu antigo chefe e comissário escoteiro um desfiar de recordações que assinalam os tempos áureos do Escotismo em Portugal; tudo foi ali rememoriado: as dificuldades que se tiveram de enfrentar, as vitórias alcançadas, as derrotas que não puderam ser evitadas.

Eis algumas dessas recordações:

A varinha do Bernardino Cardoso «que *auxiliava* os escoteiros a fazerem as escaladas»; os campos-escolas, de Chefes, em Benfica, em 1922, e o de Guias, em Queluz, em 1927; o 1.º acampamento de férias, na Arrábida, e a barraca com a altura de dois andares e feita com 16 panos de tenda, onde o Franklin tinha instalado a secretaria», a tentativa de Fausto Salazar Leite de fundar, nas escolas primárias, grupos de escoteiros, ao abrigo da reforma de ensino de António José de Almeida, a incompreensão por parte dos professores e, por fim, a completa falência de tão ardorosa iniciativa.

E, nessa digressão através dos tempos, lembrou mais:

As lutas e entendimentos com organizações similares, como os Aduaneiros, os Escoteiros Municipais e a mais importante de todas, o C. N. E.; as dificuldades de adaptação do Escotismo no Porto e as vicissitudes que Amâncio Salgueiro Júnior teve de vencer, entre as quais o desejo de alguns escoteiros «de acampar nos quintais das suas casas para assim tirarem as respectivas provas de classe»; **«O Escoteiro»**, o primeiro órgão da A. E. P. «que não tinha uma base tão firme como agora o **«Sempre Pronto»**, mas era um jornal género pirilampo, ora aparecia, ora tornava a desaparecer». Referiu-se aos seguintes caboqueiros da A. E. P. em Portugal, o prof. Sá Oliveira, Rev. Eduardo Moreira, Roberto Moreton, Rodolfo Horner, Melo Machado e Eduardo Santos.

.....

Congratulou-se também com a presença da Sr.ª D. Maria Luísa de Magalhães Pereira que, em 1916, fundou o primeiro grupo de guias (escoteiras).

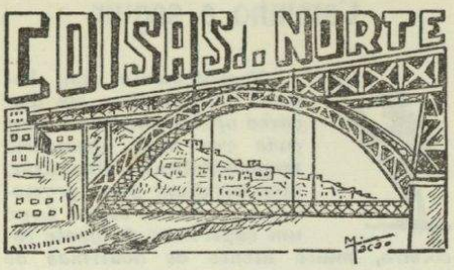
Referindo-se às figuras de Joaquim Amâncio Salgueiro Júnior e Rev. Eduardo Moreira, provocou grandes manifestações por parte de assistência, tendo o Rev. Moreira sido chamado à mesa, onde foi calorosamente ovacionado.

O Com. Álvaro Melo Machado foi também calorosamente saudado a propósito da exibição de um exemplar do célebre «Capa Azul», o primeiro regulamento da A. E. P. da sua autoria e de Joaquim Borrego.

Ao terminar, o Dr. Tovar de Lemos, dirigindo-se ao presidente da mesa, disse numa demonstração de puro bom humor escotista:

«Peço-lhe desculpa de ter demorado tanto tempo, mas muito mais tempo estive eu no escotismo!»

E no meio de risos e palmas, o Dr. Tovar de Lemos terminou a sua interessante exposição.



Grupo N.º 44 — Vila Nova de Gaia

Nomeado pelo respectivo chefe, o nosso amigo e assinante dedicado Sr. Joaquim Rocha Saraiva, o «Sempre Pronto» tem a partir de agora um Correspondente neste Grupo da laboriosa vila nortenha.

Trata-se do nosso camarada Escoteiro Luís António Rangel de Quadros Tavares, a quem apresentamos as boas-vindas e desde já agradecemos toda a colaboração que nos prestar.

JAMBORI NO AR

Continuação da pág. 8

participação deveras original no JOTA. No entanto, com verdadeira decepção dos seus escoteiros, não foi possível concretizar, na totalidade, o plano que os rapazes do Dondo traçaram sob a proficiente orientação do Organizador Nacional para Moçambique, Sr. João Nuno Rocha Vinhas, devido às péssimas condições atmosféricas que se fizeram sentir naquele fim-de-semana.

Tinham os escoteiros do Dondo planeado que a estação CR7JAM operaria com o indicativo CR7JAM/MM, instalada num iate na costa de Moçambique, a bordo do qual apenas se encontravam escoteiros, onde se dirigiriam para a ilha dos Portugueses, desabitada, na qual acampavam e operariam com o indicativo CR7JAM/P. Seria assim o Grupo do Dondo o primeiro grupo nacional a operar de bordo de um navio e o terceiro em todo o mundo. Mas ainda mais: seria o primeiro de todo o mundo a operar, com escoteiros, de uma ilha deserta! Foi pena que tal não tivesse sido possível realizar, apenas devido às más condições de tempo. No entanto, estamos convencidos de que, no próximo ano, os entusiastas rapazes do Dondo não deixarão escapar a oportunidade, caso não se registe nova contrariedade.

Apesar deste contratempo, os escoteiros deste Grupo ainda conseguiram um razoável número de contactos, actuando *a bordo* do posto CR7IX, que o Sr. José Dias Manso, distinto radiamador local, pôs à disposição dos escoteiros. Este posto operou com o indicativo CR7AEP, especialmente autorizado pelos CTT para esta actividade. Contactos obtidos: 2 com Grupos 177 e 180 CNE, em Lourenço Marques; 3 com o Grupo 39 AEP, em Benguela; 1 com o Grupo 15 CNE, em Nova Lisboa; e 1 com o Grupo 15 AEP, na Senhora da Hora.

Foram obtidos ainda 9 contactos com a União da África do Sul e 1 com a Rodésia, isto no que diz respeito ao estrangeiro.

Não temos ainda em nosso poder os relatórios doutros grupos que tomaram parte neste Jambori. Contamos referir-nos no nosso próximo número à actividade por esses grupos desenvolvida.

Justino Estêvão da Silva

Comunica-nos este nosso estimado amigo, secretário adjunto da AEP e organizador nacional do Jambori no Ar, que mudou a sua residência para a Rua Projectada à Rua Bastos Nunes, lote 6-A-1.º-esq.º, em Queluz.

DE QUELUZ (SINTRA)

GRUPO N.º 23

Comemorações do Dia da Restauração

Na nova sede do Grupo, situada próximo do Palácio Nacional, Beco Capucho, que foi cedida pela Junta de Freguesia mediante a renda módica de 100$00 e que os escoteiros adaptaram com materiais generosamente oferecidos pela conhecida empresa de construção J. Pimenta, realizou-se no dia 1 de Dezembro uma festa comemorativa da Restauração da independência de Portugal.

O acto serviu para que novos elementos prestassem solene promessa, tendo sido recebidos como Escoteiros José Manuel Gaspar Corado e Rui Manuel Fragoso Vieira Lopes. Os novos membros do Grupo foram muito felicitados por grande número de escoteiros e dirigentes que, idos de outros grupos, se associaram à festa.

Evocando a data do 1.º de Dezembro, o Sr. Capitão António Gomes Rocha, presidente do Grupo, referiu-se aos sessenta anos de ocupação estrangeira e ao heroísmo dos portugueses que em 1640 expulsaram os invasores.

FESTA DE NATAL

A Junta de Freguesia de Queluz pediu a colaboração de diversas colectividades da vila para a realização de uma grande festa de Natal, de forma a levar auxílio aos mais desprotegidos que vivem na freguesia. O Grupo n.º 23 dos Escoteiros de Portugal ofereceu imediatamente os seus serviços e está colaborando activamente com a Junta para que a festa tenha o êxito que merece.

ACAMPAMENTO DE FÉRIAS

De 4 a 18 de Agosto p. p., realizou este grupo, no Parque de Escotismo da Caparica, o seu tradicional acampamento de férias.

Além de constituir uma boa jornada de formação cívica e técnica, este acampamento teve por principal objectivo habilitar os vinte escoteiros presentes a completarem provas de pioneirismo e de insígnias de classe, assim como à obtenção de insígnias de capacidade.

V CENTENÁRIO DE VASCO DA GAMA

A convite da Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário do Nascimento de Vasco da Gama, foi incumbida uma patrulha deste grupo de levar um facho até Sines, terra da naturalidade do célebre navegador.

Partindo do Mosteiro dos Jerónimos, em Belém, às 15 horas do dia 15 de Agosto, os escoteiros alcançaram Sines quatro horas depois, sendo a entrega do facho de que eram portadores o acto com que terminaram as cerimónias que ali então se estavam a realizar.

O INCÊNDIO DA SERRA DE SINTRA

No Alto da Encosta da Queimada, em Sintra, realizou-se, em 6 de Setembro findo, uma cerimónia em que foi evocada a tragédia em que perderam a vida 25 militares que atacavam o pavoroso incêndio que em 1966 irrompeu na Serra de Sintra.

Na piedosa evocação, tomaram parte duas patrulhas deste grupo que, depois, foram transportadas para Queluz em viaturas militares.

ATENÇÃO, LOBITOS!

Sensacional Concurso Mensal

«Sempre Pronto» realiza, a partir deste número, um interessante concurso para todos vocês.

É muito simples concorrer.

Basta enviarem-nos um postal com a resposta à pergunta que vamos fazer.

— PRÉMIOS?

Com certeza que os há e bem catitas!

Para o vencedor deste mês, teremos um magnífico *tira-cápsulas em forma de flor-de-lis*, oferta do nosso estimado amigo, e antigo lobito também, Sr. Luís Simões Aurélio.

Bom, rapaziada, vamos então à pergunta:

PARA QUE SERVE O NÓ DIREITO?

Fácil, não é?

Responde hoje mesmo e pode ser que sejas o premiado no sorteio que vamos realizar com todos os postais que recebermos.

Atenção ao REGULAMENTO:

1.º A resposta deve ser enviada num postal, até o dia 20 de Janeiro de 1970.

2.º Deves indicar no endereço: «Jornal Sempre Pronto» — Rua Com. Freitas da Silva, 6-r/c dto. — LISBOA-3.

3.º Deves indicar também no postal o teu nome, idade, morada, número do grupo e bando a que pertences.

Mais nada e vamos a isto.

O Melhor Possível



Isabel Dias Fresco

No dia 7 de Novembro, um brutal desastre encheu de tristeza e desolação todos os membros do Grupo n.º 84, do Entroncamento. A pequenina Isabel Dias Fresco, de 5 anos de idade, avezinha do Grupo e irmã de um Escoteiro, ao atravessar uma das ruas da vila foi mortalmente colhida por um automóvel.

Os Escoteiros velaram o corpo da sua amiguinha e conduziram-no à mão ao cemitério, no dia 8.

«Sempre Pronto» apresenta sentidas condolências ao Grupo n.º 84, bem como à família em luto, particularmente ao irmão escoteiro Dias Fresco.

Cursos de Monitores de Segurança e de Socorrismo por Correspondência

O Centro de Prevenção e Segurança, no prosseguimento do seu programa de formação, vai organizar mais os seguintes cursos, por correspondência, nos moldes dos já realizados e que tão bons resultados têm obtido: VI Curso de Monitores de Segurança, VI Curso de Primeiros-Socorristas e IV Curso de Monitores de Primeiros-Socorristas.

Os cursos tiveram início em Outubro. As inscrições podem ser feitas no Centro de Prevenção e Segurança, Rua do Telhal, 12-4.º Dto. — Lisboa 2.

SEMPRE PRONTO

Número 296

Dezembro de 1969

MENSÁRIO ESCOTISTA

Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

ASSOCIAÇÃO DOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL

O XII JAMBORI NO AR

Mais notícias da participação portuguesa no JOTA

As más condições atmosféricas prejudicaram a actuação dos escoteiros do grupo do Dondo

Conforme tivemos ocasião de dizer no nosso último número, foram francamente positivos os resultados obtidos pelos escoteiros portugueses nesta 12.ª edição do JOTA, tendo-se excedido — o que é digno de ser assinalado — a já muito boa actuação de 1968.

Estes factos enchem de natural regozijo não só os escoteiros que actuaram *a bordo* dos diversos postos, gentilmente colocados à sua disposição por um punhado de entusiastas e competentes radiamadores, como também os organizadores em Portugal do Jambori no Ar, os quais se aprestam para que, no ano que vem, não afrouxe a comparticipação portuguesa nesta interessante actividade.

Continuando a analisar os relatórios enviados pelos diversos grupos, vamos falar, em primeiro lugar, do que foi o trabalho produzido pelos rapazes do Grupo 8, de Lisboa.

Esta unidade escotista esteve *no ar* por intermédio dos postos CT1NM, CT1RF, CT1UJ e CT1VZ, respectivamente dos distintos radiamadores Srs. Eng.º Luís Filipe Pinto e Silva, Eng.º António da Costa Neves Ferrão, António dos Santos Pita e Vítor Manuel Coutinho Afonso. O senhor Mariano José Ferreira Gonçalves, proprietário do CT1VZ, também quis colaborar com os escoteiros deste Grupo, mas uma avaria não permitiu que essa colaboração se materializasse.

Contactos estabelecidos: — do Posto CT1NM: Vaticano, Luxemburgo, Alemanha (2), Inglaterra, Dinamarca (2), Noruega, Argentina e Brasil, isto no que se refere ao estrangeiro. Com Portugal: com o Grupo 52, em Ponta Delgada; e Grupo 19, em Lisboa. Muitos dos postos contactados no estrangeiro tinham escoteiros *a bordo*.

Do posto CT1RF: Alemanha, Itália, Noruega (2), Inglaterra, Brasil, EUA, Venezuela e Argentina. Com postos portugueses: com o Grupo 19, em Lisboa; Grupo 52, em Angra do Heroísmo; Grupo 23, em Queluz; e Grupo 156 CNE, em Nova Lisboa. Ainda conseguiram contactos com postos dos Açores, Évora e Carmona (Angola), onde todavia não actuavam escoteiros.

Do posto CT1UJ não foi estabelecido qualquer contacto, em virtude de não se encontrar a funcionar em condições.

Do posto CT1VZ: conseguiu-se um contacto com o Canadá, onde se encontravam escoteiros, e outro com Salgueiral (Régua), com escoteiros do Agrupamento 282 CNE. Outros postos responderam à chamada deste posto, mas não estavam interessados no JOTA.

O Grupo 19, da Pontinha, também teve actuação meritória, para o que utilizou os postos CT1VY, CT1PT e CT1OW, pertencentes respectivamente aos conceituados radiamadores Srs. Raul Alves, Carlos Alberto Pinheiro e Luís Corte Real.

Com o posto CT1VY foi obtido um óptimo número de contactos. Com o estrangeiro: Alemanha, Brasil (5), Canadá, Checoslováquia, Dinamarca, Espanha (4) sendo um destes contactos com as Canárias, EUA (3), Grã-Bretanha (2), Itália, Luxemburgo, Noruega, Polónia e União da África do Sul. Com território português também os resultados foram de valor, pois contactaram com Leiria, Beja, Lisboa, Carcavelos, Albergaria-a-Velha, Porto, Angola (3) e Moçambique. Nestes postos não estavam a actuar elementos escotistas, mas, além destes, foram ainda estabelecidas ligações com o Grupo 23, em Queluz; 6, em Olhão; 77, em Faro, e 52, em Ponta Delgada.

Com o Posto CT1PT, os resultados, embora em menor número, foram ainda de valor. Contactou-se, com o estrangeiro: Alemanha (7), Inglaterra e Itália (2). Com Portugal: com o Grupo 23, em Lisboa (2) e o Grupo 52, em Ponta Delgada. E ainda com Évora, Vila Nova de Gaia e Viseu, onde não havia escoteiros.

Através do posto CT1OW foram poucos os contactos estabelecidos, mas falou-se ainda com Espanha (2), Évora, Viseu, Porto, Lisboa e Vila Nova de Gaia (2).

O Grupo 23, de Queluz, esteve *a bordo* de três emissores: o CT1AW, o CT1OW e o CT1RV.

Pelo primeiro destes postos — o CT1AW — foram feitos contactos de muito interesse, pois se tratava, em muitos casos, de radiamadores que trabalhavam no JOTA. Assim, foram trocadas saudações com o Grupo 39, em Benguela (2 contactos); Grupo 180 CNE, em Machava (Moçambique); 3 contactos com Lourenço Marques, com as Guias de Portugal e os Agrupamentos do CNE 168, 167 e 21; 2 contactos com o Grupo 52, em Angra do Heroísmo e em Ponta Delgada; com Nova Lisboa (Junta Regional do CNE); e com os Grupos 15, 41 e 91, no Porto. Foram ainda contactados: Moçambique, Évora e Viseu.

No que diz respeito ao estrangeiro, foram estes os resultados: Brasil, Espanha (3), França (2), Holanda, Inglaterra (4) e Venezuela.

O posto CT1OW obteve 2 contactos com Vila Nova de Gaia, onde se encontravam escoteiros, que, contudo, não identificaram o seu grupo.

Outros contactos foram estabelecidos, que, no entanto, não foram considerados válidos.

O Grupo 79, de Lisboa, iniciou-se nesta actividade actuando através do emissor CT1AW do distinto radiamador Francisco Estêvão do Carmo Oeiras. Os resultados não foram famosos, pois estiveram em contacto apenas com o Grupo 39, em Benguela, e o 23, em Queluz, além do Brasil, Escócia, Holanda e Terra Nova. Para o ano, estamos certos de que serão melhores os resultados.

NO ULTRAMAR

O activo Grupo 39, de Benguela, voltou a ter este ano uma participação de certo vulto no JOTA. Esteve presente *a bordo* de quatro postos: CR6LB, CR6FW, CR6IV e CR6EO, respectivamente propriedade dos reputados radiamadores Liga dos Amadores da Rádio de Angola (Delegação de Benguela), onde operou o Sr. José Maria Branco de Matos, e dos Srs. António de Sousa, Celso R. Faria e Carlos de Paiva.

Contactos feitos: pelo CR6LB: Grupo 19, na Pontinha; 52, em Ponta Delgada; 15, na Senhora da Hora; Grupos 21, 180 e 167 CNE, em Lourenço Marques (3); 4 CNE, na Beira; Grupo do Dondo AEP; e 9 CNE, em Machava. Com o estrangeiro: 4 contactos com Brasil, 1 com Holanda e 6 com a União da África do Sul.

Do posto CR6FW: 5 contactos com os Grupos 2, 6, 21, 167 e 168 CNE, em Lourenço Marques; 9 CNE, em Machava; com o Grupo de Dondo AEP; e 18 AEP, em Cucujães. Com o estrangeiro: Hong-Kong, 5 contactos com Rodésia; e 6 com União da África do Sul.

Através do posto CR6IV: com o Grupo 31 CNE, em Lourenço Marques; 4 CNE, na Beira; 3 contactos com os Grupos 19, 23 e 79 AEP, em Lisboa; e 6 e 77 AEP, em Faro. Com o estrangeiro: 2 contactos com o Brasil, França, 3 com a Inglaterra, Suíça e 5 com a União da África do Sul.

O posto CR6EO esteve em contacto com os Grupos 4 das Guias de Portugal e 6, 12, 21, 168 e 180 CNE, em Lourenço Marques; Grupo do Dondo AEP; 4 CNE, da Beira; e 8, 9, 167 e 177 CNE, em locais indeterminados de Moçambique. No Continente, contactaram com o Grupo 6 e 77, em Faro (2 contactos); e 23, em Lisboa, todos da AEP. Com o estrangeiro; 10 contactos com o Brasil, 1 com Botswana, 1 com Inglaterra e 7 com a União da África do Sul.

O mau tempo prejudicou certas iniciativas do Grupo do Dondo

O Grupo do Dondo deu, mais uma vez, provas do espírito de iniciativa que o anima. Tudo estava preparado para uma

Continua na pág 7

DE MÊS PARA MÊS

Caminho a seguir



Recentemente um homem público disse em discurso oficial que se tornava cada vez mais necessário **responsabilizar, dinamizar, descentralizar** *para promover o progresso social. Logo um experiente dirigente escoteiro, muito atento às doutrinas de B.-P., se apressou a comentar: «Baden-Powell já afirmava a mesma opinião, só que a ordem por ele sugerida era diferente. Dizia o Fundador:*

Em toda a parte é necessário:
Descentralizar;
Responsabilizar;
Dinamizar.»

Esta ordem é mais lógica. É necessário primeiro **descentralizar**, *depois* **responsabilizar** *e por fim* **dinamizar**, *imprimir acção, movimento.*

Afinal nós, Escoteiros, temos muito boa doutrina. Mas por que hesitamos em a aplicar?